



TESTA, Ana Luísa. A crítica de Reich sobre o paradigma mecanicista de ciência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

A CRÍTICA DE REICH SOBRE O PARADIGMA MECANICISTA DE CIÊNCIA

Ana Luísa Testa

Resumo

Reich criticou o emprego da ciência mecanicista ao perceber que esse era inapropriado para estudar a totalidade humana. Esse artigo traz um breve histórico do desenvolvimento do modelo mecanicista e apresenta a crítica reichiana sobre ele, traçando paralelos entre conceitos de seu “Funcionalismo Orgonômico” e os principais pressupostos da física quântica. Rever nossos paradigmas é extremamente necessário para que a psicologia possa trabalhar da melhor forma com a complexidade humana.

Palavras-chaves: Ciência; Funcionalismo Orgonômico; Mecanicismo; Paradigma; Reich.

Desenvolvimento da ciência mecanicista e sua influência na psicologia

O termo paradigma diz respeito a um modelo a ser seguido - especialmente na ciência – que retrata a concepção de realidade de determinada cultura. Um paradigma novo surge em resposta às limitações de um paradigma anterior e sua adoção é o reflexo da mudança de visão de realidade em vários segmentos de uma sociedade. O paradigma vigente na sociedade ocidental é denominado mecanicista e encontra suas bases entre os séculos XVI e XVII, período de intensa transformação social e de grandes descobertas científicas no campo da física e da astronomia.

O paradigma mecanicista concebe o universo como uma máquina, passível de ser reduzido em suas partes. Esse paradigma foi moldado por inúmeros filósofos e cientistas, como, por exemplo, Isaac Newton e suas leis da natureza. No entanto, nenhum homem influenciou mais nossos padrões de produção científica do que René Descartes. Seu método cartesiano é, ainda hoje, julgado capaz de distinguir a verdade do erro e foi aceito como a teoria definitiva dos fenômenos naturais, tanto que estendeu-se às disciplinas humanas e sociais. (CAPRA, 2005)

A psicologia também adotou o paradigma cartesiano e reduziu a atividade mental humana a processos neurofisiológicos. No começo do séc. XX, a psicologia ganhou notoriedade e tinha como seus maiores representantes a psicanálise e o behaviorismo. O



TESTA, Ana Luísa. A crítica de Reich sobre o paradigma mecanicista de ciência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

behaviorismo elevou o status da psicologia ao de ciência natural objetiva seguindo rigorosamente o paradigma mecanicista. Concebeu o homem como um organismo respondente e seu comportamento como consequência de eventos ambientais, numa relação “causa e efeito”. Embora a abordagem behaviorista tenha contribuído para o entendimento do homem sua visão é estritamente mecanicista. Skinner - seu principal teórico - afirmou que a única compreensão científica possível da natureza humana é aquela que reside no estudo de suas estruturas físicas e biológicas e que já que os eventos psíquicos carecem dessas estruturas, eles devem ser ignorados. (CAPRA, 2005)

A psicanálise seguiu o modelo biomédico e procura estabelecer as causas orgânicas das doenças mentais. Entretanto, algumas doenças, tais como a neurose, não puderam ser explicadas em termos orgânicos e alguns psiquiatras começaram a trabalhar com o enfoque psicológico. No século XIX, Charcot utilizou a hipnose no tratamento da histeria, o que causou em Freud uma profunda impressão. Freud foi o responsável pela estruturação de um modelo psíquico que admitia uma grande e influente parte inconsciente. Sua teoria psicanalítica trouxe luz a questões importantíssimas concernentes ao ser humano. Mesmo tendo se preocupado mais com o psicológico do que com o orgânico, Freud foi influenciado pelo mecanicismo e sempre se preocupou em tornar a psicanálise uma ciência. O modelo cartesiano de ciência mostra sua influência na teoria psicanalítica através da crença na descrição objetiva da natureza, na divisão entre mente e corpo e no reducionismo de processos mentais a fenômenos energéticos mediados por transmissores bioquímicos. (CAPRA, 2005)

Uma das críticas que Reich fez à psicanálise era a respeito de sua concepção de energia psíquica. Ela era concebida como uma certa quantidade de energia, capaz de deslocar idéias estáticas entre as diversas estruturas do aparelho psíquico. Para Reich, energia e idéia eram uma unidade funcional, que fora ingenuamente desconectada pela psicanálise. Em estudos fenomenológicos sobre a sensação de prazer, ele verificou que uma idéia não poderia ser produzida se a energia biológica correspondente estivesse ausente e vice-versa, indicando a unicidade funcional entre elas. Enquanto a psicologia e a psicanálise concentraram-se no estudo das idéias, a psicologia reichiana focou-se no estudo da interação entre energia e conteúdo psíquico. (REICH, 1999)



TESTA, Ana Luísa. A crítica de Reich sobre o paradigma mecanicista de ciência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

A revolução na concepção de realidade

Como já foi dito anteriormente, a origem de todo novo paradigma é a necessidade de superar as limitações do modelo anterior. Sua consequência é sempre a mudança na concepção de realidade. A física mecanicista enxerga o universo como uma máquina e a psicologia, como foi uma de suas herdeiras, aplicou a mesma visão ao homem. Apesar desse modelo ainda ser o vigente, ele tem sido criticado por diversos autores. Em muitos pontos o pensamento e a pesquisa reichiana podem ser considerados mecanicistas, mas o mérito de Reich foi ter sido um dos primeiros a perceber as limitações desse modelo dentro da psicologia. Para qualquer cientista, é muito difícil estar completamente imune ao zeitgeist de sua época.

Percebendo essas limitações do modelo cartesiano, Reich desenvolveu um método investigativo denominado “funcionalismo orgonômico”, que se caracteriza por apresentar uma perspectiva cósmica, dinâmica e holística - em perfeito acordo com as idéias modernas desenvolvidas após a revolução científica da física quântica. (CAPRA, 2005) A física quântica também veio como resposta as limitações do modelo mecanicista e deu fortes subsídios para a construção de uma visão de mundo mais complexa. Traçar paralelos entre o pensamento reichiano e o pensamento quântico serve como respaldo à idéia de que Reich estava no caminho certo.

O pensamento reichiano tem muitas semelhanças com o física quântica: ambos criticaram o modelo de uma realidade mecânica composta de infinitas partes que desempenham suas funções independentemente. Para os dois, a realidade foi considerada holística, cujas partes são interligadas, desempenhando um processo cósmico.

Essa visão foi construída na física a medida que os cientistas não encontraram correspondência entre as leis mecânicas e os resultados obtidos na pesquisa atômica. O átomo - antes imaginado como uma partícula sólida - apresentou-se como um grande espaço vazio composto por um núcleo circundado por elétrons, que alteram seu comportamento conforme o observador. Esse fato derrubou o conceito de neutralidade do observador, tão pregado pelo método cartesiano. (CAPRA, 2005)



TESTA, Ana Luísa. A crítica de Reich sobre o paradigma mecanicista de ciência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Reich também criticou a falácia da neutralidade do observador. Para ele, o observador interferia nos resultados. “Como a visão física da natureza resulta da constituição biológica do observador da natureza, a imagem de mundo não pode ser separada do criador da imagem de mundo.” (REICH, 2003, p.87)

O cientista mecanicista, ao se identificar com a máquina - lógica e perfeita, fica incapacitado de incluir em sua pesquisa aspectos que ele não reconhece em si. A pessoa encoraçada, mecanicamente rígida, pensa de forma mecânica. Não permite erros e acaba por ignorar incertezas e situações em fluxo, limitando sua compreensão dos fenômenos. (REICH, 2003)

Outro ponto que Reich criticou foi a redução do universo a algumas de suas propriedades. O estudo do homem não pode ser reduzido a seus aspectos mecânicos porque seus outros aspectos não se encaixam nos métodos de pesquisa disponíveis.

É fácil ver que mesmo quando eventos puramente mecânicos [...] são estudados o organismo atinge suas próprias sensações orgânicas de tipos fundamentalmente diferentes, as emoções interiores, que não tem nada de mecânico. [...] A ciência mecanicista não se preocupa com esse lado da natureza; nem com as experiências nem com os processos naturais correspondentes que ocorrem fora do organismo. Por alguma razão inexplicável, a ciência mecanicista foi proibida de ter acesso à essas áreas onde somente o julgamento estético, religioso, moral e artístico era e permanece ainda válido. (REICH, 1999)

Reich acreditava que o domínio do psíquico também poderia ser estudado cientificamente. A dificuldade seria estudá-lo de acordo com o modelo mecanicista e, por essa razão, ele estruturou o funcionalismo orgonômico. (REICH, 1999)

Na física, uma crítica semelhante veio através do conceito de complementaridade. Esse conceito foi formado a partir da observação da mudança comportamental eletrônica, que impossibilitou atribuir ao átomo qualquer propriedade intrínseca independente de seu meio ambiente. O aparente paradoxo comportamental do elétron foi entendido como dois aspectos complementares de uma mesma realidade, cada um apenas parcialmente correto e com possibilidades de aplicação limitadas. Todos esses dados levam a crer que reduzir o homem e o próprio universo a algumas de suas estruturas não nos permite compreendê-los em funcionamento. (CAPRA, 2005)



TESTA, Ana Luísa. A crítica de Reich sobre o paradigma mecanicista de ciência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Tentando superar esse reducionismo, o funcionalismo orgonômico trabalhou na compreensão do fenômeno e não na descrição de suas partes. O funcionalismo orgonômico estudou o fenômeno de dependência dos conteúdos psíquicos sobre o estado energético do organismo. Dessa forma, uma terapia que engloba apenas um dos dois aspectos isoladamente não restaria a saúde do indivíduo, apenas eliminaria sintomas. Reich (2003) citou o exemplo da medicina para criticar a limitação de intervenções fragmentadas: a medicina tradicional entende a produção da úlcera estomacal pela liberação excessiva de suco gástrico. Essa descrição de como um componente químico lesiona o tecido estomacal viabiliza o tratamento medicamentoso da área. Trata o sintoma, mas não restabelece a saúde do organismo. Da mesma forma, o tratamento psicológico pode até encontrar as bases inconscientes da úlcera, mas não restabelece a saúde sem trabalhar com a estase de energia.

O tratamento fragmentado é uma consequência do uso do paradigma cartesiano nas ciências biomédicas. Pesquisas feitas em situações artificiais, que observam mecanicamente as partes envolvidas, perdem a compreensão do fenômeno. Para Reich (2003) as pesquisas feitas seguindo o método cartesiano não correspondem à realidade do universo.

Infelizmente, assim como ocorre na física atômica, grande parte da comunidade científica desse século não aceita (ou não entende) a teoria reichiana. Vários fatores contribuem para isso e se retroalimentam: o sistema educacional, que ensina crianças a pensar mecanicamente; as universidades, que se limitam ao ensino das duas correntes principais da psicologia; os maus profissionais, que não entenderam a proposta da teoria reichiana e aplicaram-na de forma equivocada e finalmente, a rigidez humana, que impossibilita o ser humano a pensar e a sentir diferente.

Ainda assim, existe uma crescente parcela dessa comunidade científica que percebeu a limitação do modelo cartesiano e busca encontrar um paradigma que supere essa visão de realidade. Ao traçar paralelos entre os conceitos reichianos e atômicos é possível identificar que eles superaram alguns pressupostos essenciais do paradigma mecanicista: a noção de verdade absoluta; de neutralidade do observador; de materialidade da realidade; de redução e compreensão do todo a partir da análise de suas partes e, por fim, a visão dualística entre corpo e mente. Ao que parece, a grande



TESTA, Ana Luísa. A crítica de Reich sobre o paradigma mecanicista de ciência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

semelhança entre Reich e os físicos quânticos é que eles perceberam que o universo é muito mais complexo e vivo do que Descartes ou Newton previram.

Referências

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. 25^a ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

REICH, W. **O Éter, Deus e o Diabo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, W. **A História do Desenvolvimento do Funcionalismo Orgonômico**. Curitiba: Centro Reichiano, 1999.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: Da Vegetoterapia à descoberta da Energia Orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

Ana Luísa Testa/PR - é psicóloga formada pela Universidade Estadual de Londrina e cursa Especialização em Psicologia Corporal, na categoria clínica, no Centro Reichiano, Curitiba/PR.

Email: analuisatesta@gmail.com